

COEXISTÊNCIA CULTURAL E RELIGIOSA: um diálogo entre as congadas e o catolicismo popular

Coexistence Cultural and Religious:
a dialogue between congadas and popular Catholicism

Jeremias Brasileiro^()*

Resumo

Pretende-se com essa abordagem, dar continuidade a um texto anterior – coexistência cultural e religiosa nas Congadas de Minas Gerais – que trata da opção do autor em problematizar o conceito de sincretismo na contemporaneidade, quando essa categoria de análise é associada à referida manifestação. Com isso, o artigo propõe demonstrar de modo materializado, associando teoria e prática, a dificuldade de pensar as manifestações das Congadas no catolicismo popular, como meras práticas culturais resultantes de relações sincréticas, a partir do senso comum.

Palavras-Chave: Coexistência Cultural. Catolicismo Popular. Sincretismo. Congadas.

Abstract

The aim of this approach is to give continuity to an earlier text - cultural and religious coexistence in the Congadas de Minas Gerais -, which deals with the author's option to problematize the concept of syncretism in contemporaneity, when this category of analysis is associated with this manifestation. With this, the article proposes to demonstrate in a materialized way, associating theory and practice, the difficulty of thinking the manifestations of the Congadas in popular Catholicism, as mere cultural practices resulting from syncretic relations, from common sense.

Keywords: Cultural Coexistence. Popular Catholicism. Syncretism. Congadas.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de sincretismo pressupõe o ocultamento de determinados elementos em detrimento de outros e não uma equivalência simétrica sem subjugação, como no caso específico da Congada em que a "relação sincrética" impõe a presença visual de determinados símbolos hierárquicos ocidentais, a sufocar dessa maneira, os de essência congadeira, num processo simbólico religioso de assimetria, desigualdades, de invisibilização do outro. Na possibilidade de equivalência simbólica e simétrica real, um rito, um préstito, poderia trazer lado a lado elementos da religiosidade afro-brasileira junto àqueles que são notadamente cristãos, como ocorre em uma *Procissão do Sr. Morto*, na cidade de Rio Paranaíba-MG, evidenciada ao final desse texto.

^(*)1 Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia-MG, Brasil. Membro do Núcleo de Pesquisa em Cultura Popular, imagem e Som (POPULIS), na mesma instituição. Membro do Grupo de Trabalho (GT) - o Afro nas Artes Cênicas: performances afro em uma perspectiva de decolonização, 2017 - (GT) vinculado à Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE). É Comandante Geral da Festa da Congada de Uberlândia e Presidente da Irmandade do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba, Alto Paranaíba - MG. E-mail: jeremiasbrasileiro59@hotmail.com.

A cultura congadeira subsidiada pelas cantigas, pelas rezas, coreografias, ritmos, cores, celebrações das mais diversas ordens, contam e cantam coisas também antigas, de guerras, de lutas, de batalhas, de fé. Desse modo, esse fazer cultural é um exemplo fundamental para restabelecer a “comunicação numa sociedade onde as relações sociais parecem todas marcadas por considerações de hierarquia, autoridade, etiquetas, deferências e reverências” (BARRY, 2000, p.7). Essas práticas culturais com as suas festas, suas danças, seus cantos e mais propriamente com o ressoar de seus tambores, igualmente enunciam mensagens de natureza diversa, tanto de tristeza, quanto de alegria, de rebelião ou de fé.

Mesmo sob um cenário de existência escravista, os africanos celebravam a vida como sabiam fazê-lo, e nesses momentos se libertavam dos brancos e de suas maneiras de ser. Essa “África aqui refeita e festejada, que não se submetia culturalmente, não era, para muitos, menos ameaçadora do que a que se rebelava socialmente” (REIS, 2001, p. 352). A gestualidade corporal impregnada de ressoar de tambores também perturbava os senhores e por isso, o Congo, o Congado, as Congadas eram, e, continuam sendo, as mais vivas representações dessas resistências seculares.

Entende-se aqui a terminologia Congo como aquela que suscita, revivifica, capaz de redimensionar no presente, uma memória de antepassados, uma memória cultural proveniente dos povos “bantos” oriundos de algumas regiões do antigo Reino do Congo, entre as quais situavam a província de Angola e outros reinos com seus reis e rainhas. Daí porque ao reviverem essa memória cultural, os escravizados instituem no Brasil não a concepção de reinos, mas de várias formas de “Reinados” celebrados através de embaixadas que na literatura será mais conhecida por meio de danças dramáticas ou Congadas.

Quanto a um dos conceitos de Congadas utilizado em larga medida pelos próprios praticantes da manifestação, é uma conceituação associada às lembranças de reinados africanos por meio de festejos, festas, festividades, onde estão incluídas as procissões, coroações, desfiles de apresentações de Grupos, Guardas, Bandas ou Ternos; novenas, novenários, missas campais, almoços coletivos e outras atividades ligadas ao contexto da festa e a expressão denominada de Congado, é compreendida como uma prática de organização sociocultural cotidiana dos grupos, uma manifestação cultural e social que acontece no decorrer do ano, independentemente da data em que se realiza as festejos congadeiros.

Desse modo, identifica-se igualmente em um mesmo objeto com nomenclaturas diferenciadas, modos distintos de representações. O congo como lugares de memórias alicerçadas em um passado distante, de antepassados, de ancestralidades; a congada, como lugar de cultura popular por meio das manifestações festivas, religiosas, culturais, uma tradição em permanente transformação, e, o Congado, enquanto lugar de experiências socioculturais cotidianas.

Quanto ao uso da categoria de coexistência cultural e religiosa, já trabalhada pelo autor em outras oportunidades (BRASILEIRO, 2012, 2016), refere-se ao fato de que os personagens envolvidos em determinada função ritualística, tenham algum tipo de conhecimento recíproco sobre os processos dessas ritualidades. Essa coexistência, pode ocorrer tanto de modo harmonioso quanto conflituoso. As questões de fusões em que uma cultura se imerge em outra, produzindo um terceiro elemento cultural, tem a ver com os conceitos de sincretismo, categorias de análises essas, que não dão conta do universo com o qual lidamos, ou seja, as Congadas de Minas Gerais.

O nosso entendimento em relação à Congada, está centrado em uma coexistência cultural religiosa em que possam coexistir situações toleráveis ou não, a depender dos atores, que em determinado momento histórico, estejam à frente das celebrações congadeiras. Isso envolve comportamentos distintos sob um mesmo cenário de ritualidades congadeiras inseridas no catolicismo popular.

Sem a pretensão de exaurir a temática proposta, inclusive imposta pelo limite textual disponível e de igual modo por ser um assunto amplamente discutido, iniciamos portanto, a nossa reflexão com uma análise rememorativa sobre o conceito de sincretismo, as possibilidades de seu surgimento e as complexidades de interpretações, quando determinadas relações sincréticas são associadas às manifestações religiosas afro-brasileiras, sendo que na ocorrência aqui exposta, trata-se das Congadas de Minas Gerais.

Embora pareça exaustivo, um tema por demais já revisado, o conceito de sincretismo continua a incomodar por ser utilizado em larga medida, a parti de um senso comum, de uma repetição generalizada sem levar em conta os aspectos culturais nos quais, e empregado sem preocupar-se com o senso crítico ao conceito. Diante dessas incoerências e de maus usos da referida categoria de análise, a nossa problemática está justamente relacionada a esses pressupostos que necessitam ser melhor evidenciados por meio de exemplificações teóricas e práticas.

Um segundo esforço empreendido nesse texto é o de pensarmos, mesmo que sumariamente, na importância dos mitos enquanto narrativas reinterpretadas ao longo dos tempos, através de gerações, e, de como esses mitos persistem vivos no presente, assumindo uma variedade de representações, de acordo com os lugares em que são narrados. Mitos podem ser usados como motivações de resistências culturais, como táticas de sobrevivências de identidades afro- raciais e religiosas, bem como de igual modo, na perspectiva de se manter um status quo hierarquizado de dominação e silenciamento da história de um povo.

Quanto ao terceiro elemento, ele é por nós considerado emblemático, por tratar-se de uma demonstração real, uma prática materializada por meio da representação do conceito que definimos como sendo de Coexistência Cultural e Religiosa nas Congadas de Minas Gerais e ao mesmo tempo evidenciar de modo concreto, porque o sincretismo não dá conta de nossas abordagens afro- raciais, afro- religiosas, afro- brasileiras.

Afro- racial, na probabilidade de lidar-se com a cultura produzida e vivida pelas populações negras sem descuidar das discussões sobre preconceitos, discriminações e racismo que aflige esse grupo social; afro- religioso, em decorrência de existir uma enorme contingente dessa mesma população inserida no catolicismo popular, de maneira especial; afro- brasileiro, por incluir religiosidades de matriz africana ou constituídas em solo brasileiro, os grupos culturais diversos como jongos, maracatus, capoeira, folias de reis, e uma diversidade de culturas provenientes de determinados povos originários de regiões do continente africano, entre as quais destaca-se países atualmente conhecidos como Angola e Congo.

Desse modo, o terceiro tópico desse artigo, exemplifica nossa proposição conceitual, pois, ao trazer para o texto escrito, uma representação imagética, oriunda de um documento audiovisual, demonstramos de maneira argumentativa, que é possível defender o uso de um conceito que não seja exclusivamente gestado através da teoria científica, ao contrário, é a prática, a realidade, em sincronia com esse pensar teórico, que dá sentido ao que denominamos de Coexistência Cultural e Religiosa. Nessa circunstância é que mostramos um pouco da discussão ainda em andamento sobre a realização de um ritual da semana santa na cidade de Rio Paranaíba-Mg, a *Procissão do Sr. Morto*, uma ritualidade católica a contar com a presença de dois grupos de Congado, um denominado de *Congo Sereno*, e o outro, de *Moçambique*.

É uma experiência interessante para que tenhamos uma percepção da diversidade religiosa do catolicismo popular em Minas Gerais e do quanto as Congadas estão

inseridas nessa seara, assumindo singularidades que aos olhares pouco atentos, parecem algo extraordinário ou fora do contexto das celebrações, sem contudo refletir, que na realidade, a Coexistência Cultural e Religiosa é uma vivência natural para as pessoas que a praticam, sem se preocuparem em ocultar suas representações simbólicas para serem aceitas na interioridade da procissão.

Assim, tanto o *Congo Sereno*, quanto o *Moçambique*, lideram o rito processional do *Sr. Morto*, com suas indumentárias próprias, seus instrumentos musicais e rítmicos, com suas canções e melodias, com suas danças que são executadas nos desfiles das festas dos reinados do rosário, realizadas no Alto Paranaíba-MG.

Sincretismo religioso: uma questão conceitual complexa.

O historiador inglês, Peter Burke, em seus estudos sobre história cultural, já diagnosticava que muitos especialistas em histórias das religiões, bem como alguns teóricos da cultura, dedicavam-se a estudar e falar em sincretismo. O autor indica que esse interesse estava especialmente relacionado à questões envolvendo sincretismos religiosos que associavam possíveis identificações entre alguns deuses africanos de tradição, com vários santos católicos que encontravam-se presentes em países como Cuba, Haiti, Brasil e outras regiões (BURKE, 2000, p. 262).

Segundo Peter Burke (2000, p. 262), a identificação entre santos de natureza cristã com outros deuses, como por exemplo o Xangô africano, ou mesmo o *Kuan Yin* chinês e o *Nahuarl Tonantzin* possui sobretudo suas afinidades no continente europeu. O autor igualmente observa que “como observou Erasmo [humanista holandês Erasmo Desidério], um processo semelhante ocorrera no início dos tempos cristãos, quando santos como são Jorge foram assimilados em deuses e heróis como Perseu” (BURKE, 2000, p. 262). Essas percepções denotam que o conceito de sincretismo e de seu uso a nós parece tornar-se mais frequente no sentido de possivelmente anular outras categorias de análises, conforme podemos deduzir a partir do relato de Peter Burke.

Acomodação” era o termo tradicional usado para descrever esse processo no século XVI (como no princípio da Igreja), quando os missionários jesuítas na China e Índia, por exemplo, tentaram traduzir o cristianismo em termos culturais locais, apresentando-o como compatível com muitos dos valores dos mandarins e brâmanes [...] Emprega-se uma variedade de termos em diferentes lugares e diferentes disciplinas para descrever os processos culturais de empréstimo, apropriação, troca, recepção, transferência, transposição, resistência, sincretismo, aculturação [...] hibridização, creolização e interação e interpenetração de culturas (BURKE, 2000, p. 263).

As ponderações de Peter Burke são relevantes do ponto de vista historiográfico e nos permite avançar no debate a respeito do que denominamos conceitualmente de Coexistência Cultural e Religiosa das Congadas em Minas Gerais. Antes, porém, é *mister* dialogar sobre a continuidade das reflexões do autor sobretudo concernente a essa temática. Suas abordagens não só remetem a um período em que surgiram uma variedade de discursos com viés nos conceitos possíveis de explicar questões como de sincretismos e das relações culturais religiosas, em especial, como de igual modo traz à lume outras possibilidades de interpretações desse campo de análises aqui problematizado.

Em outra vertente, Peter Burke retoma Gilberto Freyre – o brasileiro autor de *Casa Grande e Senzala* (1933) – e aponta os equívocos de Freyre ao tratar de sincretismo religioso por meio de uma outra conceituação análoga, hibridismo. Burke afirma “é muito fácil escorregar, entre discussões de miscigenação metafórica e literal, seja apregoando os louvores da fertilização cruzada ou condenando as formas “bastardas” ou “mestiças” de cultura que surgem por si mesmas desse processo”, como por exemplo “Gilberto Freyre fez”, conforme conclui Peter Burke (2000, p. 263). Até que ponto, questiona o autor, essas formas podem ser resultantes de uma descrição ou se por outro lado, elas são criadas e difundidas por meio de encontros culturais e inclusive, sendo obras criativas produzidas pelos próprios indivíduos (BURKE, 2000, p. 263).

Para discutir essas polêmicas sobre o sincretismo religioso, Peter Burke enumera outras possibilidades defendidas por estudiosos do tema, como Fernando Ortiz (1940, p. 176-201) que exclui o termo hierarquizante de uma cultura pretensamente superior sobrepondo-se a outra vista como de menor expressão.

O conceito de transculturalidade parte do princípio de que “duas culturas [são] modificadas em consequências de seus encontros, e não apenas de [uma cultura] chamada doadora”. No contexto afro-brasileiro, notadamente aquele de vinculação à cultura de religião africana, Peter Burke opta por um conceito mais dinâmico, em contraposição ao sincretismo, por entender que a categoria de análise denominada de “pluralismo” esteja em maior consonância com a experiência afro-cultural religiosa e brasileira. Peter Burke sugere que,

No caso da religião no Brasil contemporâneo, pluralismo talvez fosse um termo melhor que sincretismo, pois as mesmas pessoas podem participar das práticas de mais de um culto religioso, assim como pacientes podem procurar a cura em mais de um sistema de medicina” (BURKE, 2000, p. 262).

Integrações, incorporações, sínteses, sincretismos. Aculturar-se parece tomar para-se aquilo que de melhor a “cultura superior” ou “elemento dominante” possui, exaurindo a possibilidade de trocas, de coexistências entre modalidades culturais distintas. Outra constatação de Peter Burke é quanto à limitação do conceito de sincretismo e o uso de “coexistência temporária” em que elementos de culturas diferentes distinguir-se-iam de possíveis “sínteses”. O próprio autor, porém, põe em dúvida essa opção ao indagar sobre a durabilidade desse temporário, ou se uma síntese triunfaria após um longo período (BURKE, 2000, p. 265).

O temporário pressupõe que em algum momento algo deixe de existir. Qual dos elementos sobrevivem a partir da síntese, caso ela ocorra? Serão valores culturais incorporados, agregadores ou diluídos a longo prazo? Permanecerá dessa junção um “novíssimo elemento cultural” ou identificar-se-á possíveis traços resultantes dos encontros culturais? As análises e considerações de Peter Burke ajudam-nos inicialmente a pensar que o termo sincretismo foi utilizado em larga escala enquanto senso comum, e, inclusive, condicionando a aplicação desses elementos por uma cultura negra afro-religiosa e não ao contrário, que de fato esses usos surgiram a partir de especialistas em histórias das religiões, teóricos da cultura e missionários jesuítas.

A interpretação literal e metafórica sobre as produções culturais dos povos tradicionais de religião afro-brasileira, sem adentrar nas suas especificidades, nas suas ritualidades, causam estranhamentos e concepções muitas das vezes equivocadas. Em relação aos povos africanos e suas interações com o cristianismo, Peter Burke alerta para o cuidado que deveríamos ter ao analisar esses encontros culturais religiosos sem considerar a perspectiva de que essas relações oferecem vários cenários, não sendo portando viável, avaliar ou mesmo oferecer um ponto de vista analítico de viés hierarquicamente superior, ignorando as complexidades que permeiam essas influências mútuas.

Nessa perspectiva Peter Burke (2000, p. 264), reforça a tese de que possivelmente alguns chefes de povos africanos possam inclusive ter optado por incorporar outros elementos às suas religiões tradicionais, como “no caso do “sincretismo” dos escravos africanos nas Américas [que] bem podem ter empregado as táticas defensivas de se conformar externamente com o cristianismo, embora conservando suas crenças tradicionais” (BURKE, 2000, p. 264).

Incorporar, acrescentar, fazer uso de outros elementos nos rituais afro-brasileiros, não significa, contudo, a eliminação dos elementos tradicionais e conseqüentemente a

substituição literal desses, por novos de natureza cristã. Na realidade, estaria implícito nessas relações o uso de determinadas táticas capazes de confundir aqueles que à época consideravam-se portadores de uma “cultura superior”.

Na contemporaneidade, porém, sequer essas táticas fazem-se mais necessárias, por isso que em nossos estudos, o sincretismo é um conceito que não dá conta de lidar com a diversidade cultural e religiosa presente nas Congadas de Minas Gerais. Entre os vários estudiosos desse tema, destacamos GOMES & PEREIRA (1998) que problematizam visões teóricas de muitos autores como Sérgio Ferreti (1995); Waldemar Valente (1977), Pierre Sanchis (1994), Pedro Oliveira (1977), dentre outros. Importante não esquecer igualmente, de Gilberto Freyre (1933), Nina Rodrigues (1935), Arthur Ramos (1942), Roger Bastide (1973), que foram de certo modo protagonistas, sobre as discussões desse conceito no Brasil.

Os pesquisadores de ritualidades afro-brasileiras e das Congadas em Minas Gerais, Gomes & Pereira (1998), observam que esse conceito “há tempo tem suscitado polêmicas entre os estudiosos [e que] as divergências quanto às motivações e significados do sincretismo decorrem das opiniões polarizadas que revelam ora aceitação, ora a rejeição dos fenômenos sincréticos” (GOMES & PEREIRA, 1998, p. 125). Por esse motivo nosso foco é diferenciado, buscamos exemplificações que estão materializadas nos rituais congadeiros, para situarmos nossa opção pelo conceito que é objeto de nossa proposição no presente texto, e ao mesmo tempo, continuidade de discussão iniciada em redação dissertativa que originou posteriormente, em uma segunda publicação sobre a temática.

Adotamos nessa perspectiva em relação às fontes, uma leitura de há muito enunciada por Raymond Willians, sobre a importância de problematizações teóricas, tendo como suporte exemplificações solidificadas no corpo do próprio texto, sempre que possível. O autor, na introdução de seu livro “Marxismo e Literatura” afirma que “talvez tenha mais consciência do que qualquer outra pessoa da necessidade de exemplos detalhados para esclarecer alguns dos conceitos menos familiares, [pois], alguns dos exemplos que poderia oferecer já [estavam] em outros livros” (WILLIANS, 1979, p. 12).

Recorremos a Raymond Willians, por entendermos ser essa nossa propositura, temos como suporte à teoria, a materialidade resultante de fontes disponíveis em audiovisuais que estudamos há quase três décadas (desde 1991), o que nos permite

avançar na discussão do tema por nós proposto, reconhecendo que outras análises teóricas já foram realizadas por diversos pesquisadores.

Tomemos ainda enquanto ilustrações as análises de Thompson com vistas a essas problemáticas e a sua perspectiva sobre o tratamento que deve-se ter ao lidar com “Categorias ou “modelos” derivados de um contexto [que] precisam ser testados, refinados e, talvez redefinidos no curso da investigação histórica” (THOMPSON, 2001, p. 229). Essa necessidade de pensar no percurso histórico de uma pesquisa, quando do tratamento de um conceito mais que secular, é sobretudo relevante no sentido de não eliminar simplesmente uma conceituação e colocar outra em seu lugar, porém, demonstrar que em certas circunstâncias, temporalidades e lugares, conceitos como de sincretismo religioso podem não ser mais adequados para trabalhar-se com práticas culturais religiosas, como no caso das Congadas de Minas Gerais.

Ainda que seja possível deparar-se com estudos a situar as práticas culturais congadeiras na esteira romântica de um folclorismo passado, resquícios dos tempos antigos em que a cultura negra era sinônimo de singeleza, pureza, humildade e retratação de um sincretismo apaziguador de conflitos, outras vertentes historiográficas, problematizadores, surgiram e colocaram em dúvidas esses olhares hierarquizadores, com por nós já enunciado anteriormente.

Entretanto, essa funcionalidade antropológica hierarquizante não encontra respaldo total nos tempos atuais. Observar e descrever com um olhar enviesado de criticidade e posicionamento superior, tecendo juízos de valor, é diferente de dialogar, de colocar-se no lugar daqueles atores sociais que de fato, criam, vivem e produzem um modo de viver cultural. É preciso acrescentar de igual modo, que independentemente dos elementos simbólicos portados, vividos, ritualizados, a interioridade, a fé, não é algo possível de ser mensurado. Desse modo, qualquer tipo de julgamento que se tece sobre as formas de manifestação da religiosidade afro-brasileira é no mínimo revelar-se intolerante disfarçado de cristão compreensivo.

Quem não compreende o rito, não consegue interpretar o mito e, para vivenciar essas práticas, é preciso ir além dos sentidos comuns do folclorismo, de acordo inclusive, com o que evidencia Thompson ao assumir uma postura simultaneamente crítica de que “o significado de um ritual só pode ser interpretado quando as fontes (...) deixam de ser olhadas como fragmento folclórico (...), e são reinseridas no seu contexto total” (THOMPSON, 2001, p. 238). Observar esse aspecto proposto por Thompson é fundamental para aqueles que procuram estudar determinados rituais afro-brasileiros, e

mesmo nas manifestações da Congada, existem uma gama de práticas culturais que passam despercebidas de muitos pesquisadores, justamente por priorizarem a estética, a festa a partir de um olhar folclorizante.

2 DOS MITOS, RITOS, RESPEITOS E ANCESTRALIDADES

Materializar textualmente uma ancestralidade ritualística que ainda é possível de ser presenciada nas Congadas de Minas Gerais nos possibilita entender com mais perspicácia determinadas representações que ocorrem no interior das manifestações culturais e religiosas das Congadas que (ou) passam despercebidas ou são motivos de preconceitos devido ao desconhecimento dessa prática ritual de secularidade ancestral que atravessa as gerações.

São os grupos denominados de *Moçambiques* que reatualizam alguns sentidos, a demonstrar que os mitos estão associados à uma historicidade familiar de respeito, em larga medida vivenciado por atores sociais de comunidades africanas, essencialmente àquelas de onde originaram-se em grande parte, os escravizados que involuntariamente foram deslocados para diversas regiões brasileiras, como em Minas Gerais, por exemplo.

Esses povos que chegaram às Américas na condição de escravizados, notadamente de lugares como Angola, Congo e Moçambique, trouxeram em suas bagagens culturais, formas de relações sociais cotidianas, entre as quais, as noções de respeito aos mais velhos por meio de expressões como identificadas em Luandino Vieira (1990, p. 07), “licença vavó”; ou de expressões como “bença pai” “bença tio”, comportamentos esses profundamente enraizados nesses povos africanos.

A possibilidade de constatação de respeito tem hipótese provável nas danças rituais de grupos de Congada que segundo os mitos fundantes, estão associados à Nossa Senhora do Rosário, que se encontrava parada nas ondas do mar, ou escondida em uma gruta, no ápice de árvore, no meio de um rio, ou seja, de acordo com o lugar, Nossa Senhora encontrava-se distante das povoações, em protesto contra o sofrimento de seus filhos escravizados.

Evidente que os mitos são importantes para a cultura de diversos povos, de acordo com acepção do filósofo José Benedito Junior Almeida,

O mito refere-se a uma história sagrada que é tida por verdadeira para os povos que o vivem (...) não têm por função apenas orientar os rituais religiosos no calendário sagrado, mas também são arquétipos que orientam a vida dos indivíduos, que os ajudam a superar

as dificuldades encontradas ao longo da existência, especialmente quando se trata das mudanças da fase da vida (ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 30).

A transição de vidas dos escravizados, de um lugar em que possuíam seus meios e modos de cultura, religião, economia, política e lares próprios, para um território inóspito na condição de seres humanos desumanizados, contribui para que o estabelecimento de alguns mitos sejam incorporados como forma de resistência e sobrevivência cultural, e por essa razão, no caso do mito de Nossa Senhora do Rosário, a diversidade é reflexo das condições de lugar e das regiões que os escravizados adeptos dessa cultura da Congada, encontravam-se, em larga escala.

Nesse contexto, é que podemos recorrer novamente a José Benedito Almeida Junior, quando esse autor afirma que “o mito não é estático, ele tem a mesma dinâmica de todos os fenômenos da cultura, ou seja, o mito é também reatualizado, reelaborado, transformado de acordo com o lugar de seu estabelecimento” (ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 20). O mito de Nossa Senhora do Rosário nesse sentido é emblemático, ele ilustra essa capacidade de transformação da narrativa, ambientando-a ao lugar, por isso, é um mito que narrado, parece estar o tempo todo incipiente.

A relação de mitos e homens, é bem lembrada por Carlo Ginzburg ao afirmar que “os mitos encarnam-se, transmitem-se e agem em situações sociais concretas, por intermédio de indivíduos de carne e osso. Contudo, também agem independentemente da consciência que os indivíduos tenham deles” (GINZBURG, 2012, p. 43). Vejamos um desses mitos de Nossa Senhora do Rosário reatualizado na narrativa do Sr. Baeti – Capitão de Grupo de Congado Moçambique, de Cachoeirinha-MG:

Quando apareceu a Nossa Senhora do Rosário, o Padre foi lá e buscou ela, nele buscar ela, ela não quis ficar na Igreja e voltou para trás, daí tornaram a buscar ela, e o que que aconteceu, ela voltou de novo, daí tinha uns índios, juntaram os índios, para ver se iam lá, brincavam com ela e traziam ela, por isso hoje tem os *Ternos dos Penachos*, eles representam os índios daquela época, então foram lá, tentou buscar, ela tentou dar um passinho para acompanhar, e parou. E o que aconteceu? Foram atrás da sinhá e sinhô, que os negros eram empregados, escravos né, mas então esse sinhô e sinhá foram lá e pegaram a santa e esconderam dentro da casa deles, mais quando foi no outro dia, foram ver e ela não estava mais lá. Então foram atrás dos negros, os escravos e falaram para eles irem lá buscar Nossa Senhora do Rosário, só vocês para trazer ela. Então eram tudo simples, escravos, arrumaram umas gungas de coités, uns pedaços de pau, um *Jeréré* que é hoje para nós Bastão, então foram até a gruta, tocaram uns reco-reco, umas caixas, e ela então saiu com eles, por isso que o capitão de Moçambique é o profissional para puxar o coroadado e não fica de costas para as imagens, só puxa de frente. Então, quando a gente encontra um coroadado duro mesmo na correia, se você virar as costas para eles, eles param. Você tem de voltar, chamar ele, e puxar sem dar as costas. Foi assim que fizeram com Nossa Senhora do Rosário e levaram ela lá para a senzala. Por isso que na festa, se

não tiver um moreno, um escurinho como nós, não é festa do reinado não (CAPITÃO BAETI, agosto de 2009).

Conforme salientamos, os mitos persistem e modificam-se de acordo com as regiões, na narrativa do Capitão Baeti, inclusive, estão presentes os indígenas, o que dá a justificção no presente, para a existência desses grupos denominados de *Penachos*. Emerge igualmente da narrativa, outros dois aspectos interessantes para reflexão, o primeiro, diz respeito à importância dos grupos de *Moçambiques* no ritual das Congadas, o segundo, está associado à uma ancestralidade cultural que de alguma forma, atravessou o atlântico com os escravizados, e, foi traduzido por meio de representações, nos cortejos congadeiros realizados durante as procissões e reinados do rosário em Minas Gerais.

O mito de que vários grupos tentam retirar Nossa Senhora do Rosário do Mar e não conseguem, é o mais comum e difundido, contudo, dentre tantos outros, o mito que o Capitão Baeti reproduz, especifica o ritual de modo singular, pois, ele informa a razão dos *Moçambiques* terem a primazia nos reinados, devido a um comportamento de respeito para com Nossa Senhora do Rosário, ritual não observado pelos demais grupos, na tentativa de retirá-la de uma gruta onde encontrava-se escondida.

Nesse cenário ritual, surgem os *Penachos*, *Caboclinhos*, *fanfarras portuguesas*, os *Congos*, os *Catupés*, os *Vilões*, os *Marinheiros*, todos cantavam, brincavam, dançavam, entretanto, ofereciam as costas para Nossa Senhora do Rosário. Não ficar de costas para os santos, para o altar, para as bandeiras, é sinônimo de devoção, de respeito e de fé.

Nos territórios de ancestralidade e afro-religiosidade brasileira, a noção de respeito aos rituais está impregnada de cultura que revela-se no cotidiano das pessoas, em que, não dar as costas aos mais velhos, é sobretudo uma formação educacional oriunda de muitos povos africanos, no caso em questão, àqueles denominados *Bantos de Congo e Angola*. Respeitar os guardiões das histórias das grandes famílias nucleares, dos contadores de histórias, aprender a pedir benção pai e mãe, licença avó e vovô, são comportamentos socioculturais presentes nos inúmeros terreiros de Congado e das religiosidades afro-brasileira, de matrizes africanas.

A segunda percepção que se tem a partir da narrativa do Capitão Baeti é do quanto uma simbologia fundamental para definir a hierarquia de um ritual, pode ser confundida pelos leigos ou preconceituosos, como algo sem sentido ou muitas vezes associado como rituais macumbeiros. Na realidade o que ocorre, é a representação do mito fundante, quando em procissão pelas ruas da cidade, os *Moçambiques* puxam os

reinados sem deixar as costas a eles e aos santos, quando adentram as residências e saem da mesma forma, sem dar as costas para dos donos da casa que seguram a bandeira; e nas igrejas, quando chegam diante dos altares e retornam também sem oferecer as costas a esse lugar sagrado. É o mito representado, materializado, junto à permanência de uma formação cultural de respeito proveniente dos antepassados congadeiros.

3 A PROCISSÃO DO SR. MORTO

Na madrugada fria da sexta feira da paixão, ouve-se à distância, um ressoar de tambores, que ao aproximar-se sob as frágeis iluminações das ruas, revela ser de um grupo de Congado a conduzir um rito processional, a *Procissão do Sr. Morto*. Cânticos, rezas, conversas, matracas, soldados vestidos a caráter romano contornam a esquina, enquanto uma mulher apresenta o “cântico da Verônica” em meio à semiescuridão. A mulher toda coberta de véu, Junto a um coral feminino, canta as dores daquele que está provisoriamente morto.

Em seguida, aparece uma banda de músicos da cidade, a Fanfarra de Rio Paranaíba, com um ritmo a evocar tristeza, cadenciado, enquanto isso, lá na frente, liderando a *Procissão do Sr. Morto*, o *Congo Sereno* canta, dança e ressoas suas caixas, os tamborins, as violas, os reco-recos, acompanhados pela harmonia dos acordeons. O *Moçambique* de Rio Paranaíba, nas canções triste do Capitão Abel Jerônimo (falecido em 2011), segue o cortejo junto com o *Congo Sereno*.

A *Procissão do Sr. Morto*, que saíra da Igreja Matriz São Francisco das Chagas e fora até o portal do cemitério, retorna em júbilo com o Cristo ressuscitado. E é justamente na cantoria de recepção à porta da Igreja, já quase ao amanhecer do dia, que se ouve a voz do Capitão do *Congo Sereno* saudar a ressurreição: “aiô/viva! /aiô viva! / viva cristo ressuscitado! / Viva cristo ressuscitado! / Cristo dê a sua benção! Cristo dê a sua benção! / meu povo tá precisano! / meu povo tá precisano!” e um coral de vozes masculinas a responder: “aiôô, aiôô, vivaa! / aiôô, aiôô, vivaa! / viva cristo ressuscitadooooo aiaaaiaai!” (Capitão Erivaldo Aleixo, 2009).

Após a saudação da chegada, o Congo Sereno segue até o altar com a imagem de Cristo ressuscitado, e solicita-lhe as bênçãos: “oh meu Sr. Dá sua benção! / oh meu Sr. Dá sua benção! / para a minha companhia! / para a minha companhia!”. (Capitão Erivaldo Aleixo, 2009). Um tríduo musical cantante é o que destacamos nessa

Procissão do Sr. Morto, tríade de elementos culturais que sintetizam de maneira prática a coexistência religiosa que registramos na sexta-feira da semana santa.

A Fanfarra de Rio Paranaíba, que executa uma marcha fúnebre; o *Moçambique* de Rio Paranaíba a entoar cantorias por meio de uma melodia de lamentações, sob o som das gungas – latas contendo esferas de chumbo que ficam amarradas ao tornozelo dos dançadores – a tilintar a tristeza; o *Congo Sereno*, que no seu modo específico de tocar mais alegre, dança aos sons dos tambores, e à frente anuncia a Procissão do Sr. Morto, bem como retorna inebriado de alegria, cantando a boa nova de Cristo ressuscitado.

Essas narrativas que resultam de observações e análises imagéticas por meio de audiovisuais do autor (BRASILEIRO, 2009), são as retratações fieis da presença entre modos culturais diferentes de existir, possibilitadas evidentemente, pela atuação nesse cenário, do Padre Roberto Cristino, da Paróquia São Francisco das Chagas de Rio Paranaíba, na primeira década do ano 2000.

A interatividade com os congos, os moçambiques, as festas religiosas dos reinados dos rosários, das Congadas, na cidade e na região, demonstraram e continua a demonstrar por onde ele vai, a possibilidade prática dessa coexistência cultural e religiosa, saindo do campo teórico, visualizando-a na realidade viva, das manifestações inseridas por vezes, no catolicismo popular. Isso nos permite afirmar que certos rituais coexistem em harmonia ou em meio a tensões, a depender dos atores sociais que ocupam os cenários religiosos em determinada época e lugar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizar-se do conceito de sincretismo como categoria de análise para entender as manifestações culturais populares, sobretudo aquelas de viés catolicista ou de religiosidades afro-brasileiras, provenientes de matrizes africanas, é sem dúvida, uma opção que não dá conta do universo cultural simbólico pesquisado por nós há mais de duas décadas. É por esse motivo que temos pautado desde então, os nossos pressupostos sobre esse assunto, tornando-o a cada texto, mais próximo do leitor; a partir de uma materialização escrituraria fundamentada no uso de documentos imagéticos, ou seja, imagens fotográficas e audiovisuais.

Consideramos relevante ressaltar essa característica de nossa pesquisa no sentido de esclarecer ao leitor de que se trata na realidade de um trabalho que é contínuo, sendo esse texto a segunda problematização a ser socializada, após quase trinta anos de

observações diretas e registros *in locus*, que são os suportes dessas nossas análises, cuja defesa científica, teve o seu início em uma dissertação de mestrado (BRASILEIRO, 2012, p. 53-56) e só recentemente, alguns resultados começaram a ser divulgados por meio de artigos (BRASILEIRO, 2016, p. 21-32). É resultante também desses estudos, a produção de um documento em audiovisual (BRASILEIRO, 2012), com o título de *Coexistência Cultural e Religiosa nas Congadas de Minas Gerais*.

Esse corpus documental resulta naturalmente, de um olhar também etnográfico e de uma percepção dos rituais possíveis de ser registrados. É nesse campo discursivo que nos deparamos com a realização da *Procissão do Sr. Morto*. Essa singular encenação ocorrida em plena sexta feira da paixão, o período da madrugada, é a síntese da coexistência cultural e religiosa que demonstramos ser possível de acontecer quando os diálogos acontecem sem hierarquização de valores religiosos.

Nessa relação dialógica, percebemos a existência de interações entre dois modos de cultura e de religião em conagração surpreendente, bem como de certa forma inédito. Notamos que sincretismo e coexistência são conceitos diferentes, não se complementam e portanto, deve ser levado em consideração essas diferenças quando as abordagens referem-se à temática das Congadas. Por fim, tendo como pressuposto essa constatação, reafirmamos nossa preferência por trabalhar com essa categoria de análise – coexistência cultural e religiosa – quando o tema em questão são as Congadas de Minas Gerais em diálogo constante com o catolicismo popular.

REFERÊNCIAS

Fontes

Depoimentos, canções e documentos em audiovisuais

ALEIXO, Erivaldo. *Canções executadas durante cortejo processional do Sr. Morto*. Capitão do Congo Sereno, da cidade de Rio Paranaíba-MG, 2009. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 43.54' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

BRASILEIRO, Jeremias. *Coexistência Cultural e Religiosa nas Congadas de Minas Gerais*. Documento acadêmico em audiovisual, 2012. Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 17.41' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

CAPITÃO BAETI. *Mito de Nossa Senhora do Rosário escondida na gruta*. Depoimento obtido por ocasião da realização festa do Reinado do Rosário de Cachoerinha-MG, povoado de

Córrego Dantas, localizado no Centro Oeste Mineiro, em agosto de 2009. Fonte: Abel Jerônimo da Silva (falecido em 2011 na cidade de Rio Paranaíba-MG). Suporte em Mídia Digital e DVD/vídeo, som, color, 01.12.30' (NTSC). Banco de dados em audiovisuais. AcervoDigital/JeremiasBrasileiro. Uberlândia-MG.

Documentos eletrônicos

História general de las cosas de Nueva España por el fray Bernardino de Sahagún: el Códice Florentino. Disponível: <https://www.wdl.org/es/item/10612/> Acesso em fev. de 2016.

Os Mandarins no Império da China. Disponível no documento eletrônico: https://www.google.com.br/search?rlz=1C1AZAAenBR761BR761&ei=wCJiWtK9JsmgwQsvk57oCA&q=mandarins+significado&oq=mandarins++&gs_l=psy Acesso em jan. de 2018.

Brâmanes escolhidos. Disponível em: <https://geografiadavida.com/tag/bramane/> - Acesso em jan. de 2018.

Bibliografia

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. *Introdução à mitologia.* São Paulo: Paulus, 2014.

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional.* Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2000.

BRASILEIRO, Jeremias. *Coexistência cultural e religiosa nas Congadas de Minas Gerais.* RASCUNHOS - Ed. Especial. Dezembro/2016. V.3. Nº 2. 2016, p. 21-32. [DOSSIÊ]: *Corpo, cultura e tradição: diálogos transdisciplinares sobre performances culturais e artes da cena.* Caminhos da pesquisa em artes cênicas. Universidade Federal de Uberlândia. EDUFU, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/issue/view/1402/showToc>

BRASILEIRO, Jeremias. *O ressoar dos tambores do Congado - entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas.* (1955-2011). Uberlândia, 2012. 193f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia.

BURKE, Peter. Unidade e variedade na história cultural. *Variedades de história cultural.* BURKE, Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. Rosário de muitas fés - mediações do sincretismo nas religiões populares. *Rhema, revista de filosofia e teologia do instituto teológico e arquiocesano Santo Antônio.* Juiz de Fora: ITASA, v. 4, n. 16, 1998, p. 125-156.

ORTIZ, Fernando (1952). La transculturación blanca de los tambores de los negros, *reed. Estudios Etnosociológicos*, Havana, p. 176-201.

REIS, João José. Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. JANCSÓ, István; KANTON, Iris (Org.). *Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa.* São Paulo: Hucitec/FAPESP/ Imprensa Oficial, 2001- (coleção Estante USP - Brasil 500 anos; v.3).

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

VIEIRA, José Luandino. Vavó Xixi e Seu Neto Zeca Santos. In: *Luuanda*. Autores Africanos, Angola. Editora Ática: São Paulo, 1990.

(Recebido em março de 2018; aceito em abril de 2018)